












Ficha datiloscópica. São Paulo/SP, 4 de março de 1970. Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Prontuário 104.503 DOPS/SP.

D. F. S. P. INSTITUTO NACIONAL DE IDENTIFICAÇÃO		SÉRIE					SEÇÃO					ANO DO NASCIMENTO														
																										
																										

SIGLA 1-2 ESTADUAL SP	REG. ESTADUAL 3-9 Ord. Social	DELEGACIA 10-13 Ord. Social	N.º DOS AUTOS 14-17 4/3/70	DATA 4/3/70	I. N. I. N.º 18-25 primeira
NOME VIRIATO XAVIER DE MELO			ALÇUNHAS E OUTROS NOMES RICARDO		
PAI João Joaquim de Melo Neto			MÃE Anna Xavier de Melo		
DATA DO NASC. 26-28 24/5/1917	NACIONALIDADE 29 brasileira Cruz. do Sul-Acre-	NATURALIDADE 30-31 masc.	SEXO 32 branca	COR Func. P.ºb. Fed.	ALTURA 33-34
RESIDÊNCIA Rua Pedro Pizato nº40-Curitiba			LOCAL DE TRABALHO (aposentado)		
INCIDÊNCIA PENAL 35-37 Lei de Segurança Nacional					

38 - ESTADO CIVIL <input checked="" type="checkbox"/> 1. CASADO <input type="checkbox"/> 2. SOLTEIRO <input type="checkbox"/> 3. SEPARADO <input type="checkbox"/> 4. DESQUITADO <input type="checkbox"/> 5. VIÚVO <input type="checkbox"/> 6. AMIGADO <input type="checkbox"/> 7. DIVORCIADO	<input type="checkbox"/> 4. PRISÃO ADMINISTRATIVA <input type="checkbox"/> 5. MANDADO DE PRISÃO 41 - NATUREZA DA INFRAÇÃO <input checked="" type="checkbox"/> 1. CRIME <input type="checkbox"/> 2. CONTRAVENÇÃO 42-46 DATA DO FATO INDETERMINADO Dia Mês Ano	51 - MEIOS EMPREGADOS <input type="checkbox"/> 1. ARMA DE FOGO <input type="checkbox"/> 2. ARMA CORTANTE OU PERFORANTE <input type="checkbox"/> 3. ARMA CONTUNDENTE <input type="checkbox"/> 4. FOGO <input type="checkbox"/> 5. VENENO <input type="checkbox"/> 6. SEM INSTRUMENTO <input type="checkbox"/> 7. VEÍCULO <input checked="" type="checkbox"/> 8. INDETERMINADOS <input type="checkbox"/> 9. OUTROS	54-55 LOCAL DA OCORRÊNCIA <input type="checkbox"/> 01. HABITAÇÃO COLETIVA <input type="checkbox"/> 02. CASA DE TOLERÂNCIA <input type="checkbox"/> 03. CAFÉ, BAR ETC. <input type="checkbox"/> 04. EDIFÍCIO PÚBLICO <input type="checkbox"/> 05. CASA COMERCIAL <input type="checkbox"/> 06. INDÚSTRIA <input type="checkbox"/> 07. HOTEL, PENSÃO <input type="checkbox"/> 08. HOSPITAL <input type="checkbox"/> 09. PRÉDIO EM OBRAS <input type="checkbox"/> 10. PENITENCIÁRIA, REFORMATÓRIO <input type="checkbox"/> 11. PROPRIEDADE AGRÍCOLA <input type="checkbox"/> 12. PROSTÍBULO <input type="checkbox"/> 13. RESIDÊNCIA PART. <input type="checkbox"/> 14. TRANSPORTE COLETIVO <input type="checkbox"/> 15. VIA FÉRREA <input type="checkbox"/> 16. MAR, RIO, LAGOA <input type="checkbox"/> 17. VIA PÚBLICA <input type="checkbox"/> 18. IGNORADO <input checked="" type="checkbox"/> 19. OUTROS
39 - GRAU DE INSTRUÇÃO <input type="checkbox"/> 1. ANalfabeto <input type="checkbox"/> 2. PRIMÁRIO COMPLETO <input type="checkbox"/> 3. PRIMÁRIO INCOMPLETO <input checked="" type="checkbox"/> 4. SECUNDÁRIO <input type="checkbox"/> 5. PROFISSIONAL <input type="checkbox"/> 6. SUPERIOR <input type="checkbox"/> 7.	47 - DIA DA SEMANA <input type="checkbox"/> 1. DOMINGO <input type="checkbox"/> 2. SEGUNDA-FEIRA <input type="checkbox"/> 3. TERÇA-FEIRA <input checked="" type="checkbox"/> 4. QUARTA-FEIRA <input type="checkbox"/> 5. QUINTA-FEIRA <input type="checkbox"/> 6. SEXTA-FEIRA <input type="checkbox"/> 7. SÁBADO <input type="checkbox"/> X. FERIADO 48-49 HORA INDETERM.	52-53 CAUSAS PRESUMÍVEIS <input type="checkbox"/> 01. ALIENAÇÃO <input type="checkbox"/> 02. ALCOOLISMO <input type="checkbox"/> 03. AMBÍÇÃO <input type="checkbox"/> 04. CIÔME <input type="checkbox"/> 05. DEVASSIDÃO <input type="checkbox"/> 06. IMPERÍCIA, IMPRUDÊNCIA OU NEGLIGÊNCIA <input type="checkbox"/> 07. ÓDIO OU VINGANÇA <input type="checkbox"/> 08. ENTORPECENTES <input checked="" type="checkbox"/> 09. INDETERMINADAS <input checked="" type="checkbox"/> 10. OUTRAS	
40 - NATUREZA DA AÇÃO POLICIAL <input checked="" type="checkbox"/> 1. PORTARIA <input type="checkbox"/> 2. FLAGRANTE <input type="checkbox"/> 3. AVERIGUAÇÃO	50 - NÚMERO DE FILHOS 3		

INFORMAÇÕES POLICIAIS	
MOTIVO DA DETENÇÃO Infração a Lei de Segurança Nacional	
LOCAL na via pública, em Curitiba.	DATA 26/2/70
EM COMPANHIA DE (NOME E N.º) só	HORA 17,00
DOCUMENTO DE IDENTIDADE RG.550.002 -PR.	AUTOR DA DETENÇÃO Agentes do DOPS.-SP.
FOTOGRAFIA TIRADA SIM <input checked="" type="checkbox"/> NÃO <input type="checkbox"/>	OBSERVAÇÕES
4.ª VIA Cópia para o arquivo da Delegacia de Polícia.	



Brasil: o enigma enfrentado

BOTELHO, A.; SCHWARCZ, L. M. (Orgs.).

Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país.

São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 441 p

Valdir Júnio dos Santos*

Jeane Andréia Ferraz Silva**

O Brasil sem dúvida é um país enigmático que encanta e encantou uma gama de intelectuais que buscaram em última instância desvelar “O que faz o Brasil, Brasil”, como bem delineou Da Matta em suas análises. É nesse contexto de descoberta dos “Brasis” que o livro “Um Enigma Chamado Brasil: 29 Intérpretes e um País”, desponta no cenário das obras sobre o pensamento social brasileiro como um precioso repositório das principais discussões de pensadores nacionais e estrangeiros que buscaram pensar o Brasil em sua essência. É um livro destinado

* Cientista Social, Doutorando em Serviço Social da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

** Assistente Social, professora do Departamento de Serviço Social da UFES, Doutoranda em Serviço Social da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

aos leitores interessados nos intérpretes do Brasil, nos talentos de ler o nosso país, que contribuíram de modo crucial para a compreensão da sociedade brasileira - seus problemas, dilemas e possibilidades. O desafio aqui é “(...) indagar nossos autores, suas questões, problemas e soluções, e dar ao tempo seu tempo” (BOTELHO & SCHWARCZ, 2009, p. 13).

O livro, como bem sugere o título, redesenha o mapa do pensamento social brasileiro consubstanciado em vinte e nove intérpretes, dentre eles alguns altamente conhecidos da academia como: Oliveira Vianna, Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Octavio Ianni; e outros que ainda marcam presença na cena pública, como Fernando Henrique Cardoso. Apesar da densidade desses e outros autores que compõem o livro, os organizadores assumem algumas orientações editoriais que viabilizem a apropriação do conhecimento construído em torno do pensamento social brasileiro por parte dos diversos segmentos da sociedade interessados no tema. Desta forma, o livro é constituído de uma linguagem desataviada e contrária ao hermetismo conceitual, que muitas vezes dificulta o fluxo da leitura. Ao fim de cada ensaio é proposta uma bibliografia básica para aqueles que buscam um aprofundamento sobre a temática.

Com um texto simples, mas preciso, os vinte e nove intérpretes são organizados em ordem cronológica, tendo por base o nascimento, o que se constitui em uma *faca de dois gumes*: ao mesmo tempo em que proporciona uma leitura que contempla a evolução (história) do pensamento social, provoca uma desarticulação das temáticas que compõem esse campo do conhecimento.

Com um olhar atento é possível delinear grandes blocos de problemáticas que perpassam a nossa formação nas suas dimensões cultural, política e social, que remontam ao Império e chegam aos nossos dias; e ressaltar que o pensamento social brasileiro é feito de muitas contradições, ajustes e desajustes e de uma pluralidade constitutiva da tradição intelectual brasileira. As diferentes interpretações de Brasil se tornaram como que matrizes de diferentes modos de sentir e pensar o país e nele atuar.

Um primeiro bloco discute a construção do Estado no plano político-administrativo do período Imperial brasileiro, onde se destacam as análises do Visconde do Uruguai com seu pensamento conservador sobre a formação do Estado Imperial, percebendo o mundo da política no Brasil como “desvirtuoso” e perigoso, sujeito “às paixões e interesses mesquinhos nascidos nas localidades - onde faltavam homens talhados para agir ao interesse público” (FERREIRA, 2009, p. 26).

Nesse mesmo bloco pode-se identificar o radicalismo político do Segundo Reinado e o cenário de discussões entre os liberais e radicais perpassando o entendimento da formação de estruturas partidárias e suas arenas de conflitos, deixando um legado democrático do debate político. Rebouças inclui-se nesse bloco por refletir sobre a conformação do Estado no Brasil no período republicano - em sua perspectiva o Império não se extinguiu, deslocava-se apenas -, concentrando o foco de sua crítica não no que herdamos politicamente dos colonizadores, mas nas instituições sociais que tornamos perenes. Como projeto, Rebouças lança a base de uma discussão que continua viva em nossa sociedade nos dias atuais, a “Democracia Rural Brasileira”. Nesse contexto o referido autor coloca à nu a auto-

limitação do liberalismo histórico, cujo radicalismo não foi capaz de esticar a proposta da democratização rural até o limite de uma revolução democrática e popular. A liberdade era entendida como sinônimo de autogoverno de cidadão livres, independentes absolutamente.

A construção de um Brasil moderno pautado em vertentes arcaicas - como a incompatibilidade entre escravidão e modernidade, o trinômio vicioso herdado da metrópole, constituído por uma organização social baseada no latifúndio, na monocultura e no comércio de escravos - deram a Joaquim Nabuco o título do pensador das mil e uma faces. Suas abordagens, estilos e temas sinalizam três interpretações do Brasil: uma ligada à análise estrutural da dinâmica sócioeconômica e de conflito entre grupos sociais; outra, as análises das instituições e das elites políticas; e ainda o foco na cultura. Estas três linhas interpretativas vão influenciar autores como Caio Prado Júnior, Oliveira Vianna, Gilberto Freyre e Mário de Andrade.

O segundo bloco compõe-se de autores que vislumbram a formação do povo brasileiro e seus tipos mais característicos, como o sertanejo, o mestiço, o negro e seus focos na sociabilidade rural brasileira, como um aspecto micro de problemas macros presentes em nossa estrutura societal. O sertanejo, o mestiço, a mística indígena e a ótica racial incluem-se como um dos motes do percurso intelectual de autores como Sílvio Romero. Nina Rodrigues e suas discussões sobre a mestiçagem e degenerescência. Euclides da Cunha que acalentou o projeto de construção sobre os tipos regionais brasileiro. Manuel Bomfim com sua crítica ao chamado “racismo científico”, visualizando que o principal problema da sociedade brasileira encontrasse na questão do analfabetismo. Paulo Prado e a construção dos retratos do Brasil. Luiz da Câmara Cascudo e seus estudos sobre as culturas populares no Brasil. Roger Bastide com suas interpretações que abrangem dos mestiços aos africanos e suas manifestações religiosas, principalmente o “candomblé”. Sérgio Buarque de Holanda em sua expoente elaboração “Raízes do Brasil” apresenta tensões do nosso processo de modernização e a construção do “homem cordial”. Mas sua obra é múltipla e foi construída por meio de uma trajetória que não aprisionou o conhecimento em campos de saber estanques. Antonio Candido faz uma articulação de entendimento ampliado entre arte e sociedade, dialogando, desta forma, com as diversas áreas que compõem o conhecimento. Maria Isaura de Queiroz, em sua obra, destaca o Brasil interiorano povoado por coronéis, beatos, cabos eleitorais, sitiante, pequenos proprietários de terra, penitentes, cangaceiros e benzedeiros e salienta as mudanças estruturais e sociais advindas dessa estrutura.

Há ainda um outro conjunto de autores, que situamos num terceiro bloco, que desvendam o Brasil enfatizando o lugar deste país no mundo e apresentam os seus principais problemas contemporâneos. Assim, se desde a independência, a questão fundamental para o Brasil era afirmar sua individualidade, a partir da crise de 1929 e do segundo pós-guerra não se podia mais subestimar a importância da relação deste país com o resto do mundo. O primeiro destes autores é Caio Prado Júnior com suas análises sobre o peso da colônia e a dificuldade da formação da nação no Brasil. O autor muda a linha de reflexão sobre o país, já que maior parte das “interpretações do Brasil” se preocupava principalmente com as características

internas de nossa sociedade e deixa como uma questão que demonstra a perspicácia de sua análise: “Como podemos enfim superar a colônia?” (RICUPERO, 2009). Guerreiro Ramos, cuja obra vincula-se a uma proposta de salvação pessoal, de conscientização dos valores da “negritude” e de criação de uma sociologia nacional. Oracy Nogueira faz uma abordagem compreensiva das diversas formas de preconceito produzidas pela distância social, e ao investigar o preconceito racial no Brasil e nos Estados Unidos, elaborou os conceitos de preconceito de marca (típico do Brasil) e preconceito de origem (típico dos Estados Unidos), que apreendem a singularidade da ideologia e do funcionamento do racismo em cada um desses países. Gilda de Mello e Souza, cujas análises recaem na relação entre a moda e suas ligações com a arte, as classes, os sexos; ou em outros termos, tem como objeto as manifestações culturais de onde desentranha as formas simbólicas da vida social. Florestan Fernandes traz análises comprometidas com o entendimento sócio-histórico do desenvolvimento nacional, as potencialidades do moderno e seus meandros tradicionais que presidem a formação da sociedade burguesa no Brasil. Costa Pinto tem sua preocupação voltada aos campos das relações sociais e do desenvolvimento, ou seja, articula a análise das relações entre capitalismo e racismo e as interfaces entre mobilidade social e racialização. Darcy Ribeiro centra suas análises sobre o povo brasileiro e as possibilidades civilizatórias. Richard Morse, em seu envolvimento com as problemáticas latino-americanas (aí incluído o Brasil), visualiza a América Latina como lócus privilegiado do futuro da civilização e, por isso, a importância de seu entendimento. Raymundo Faoro, com seu recorte institucionalista, expõe uma dialética perturbadora entre moderno e modernização que ainda assombra a história da formação brasileira. Octavio Ianni, marxista, contemplou diversos temas em sua obra: a questão racial, o mundo agrário, as articulações entre nação e Estado, a cultura, o planejamento econômico e social e a globalização na sociedade brasileira e latino-americana inscritas no circuito mundial. Ianni dedicou grande parte de sua reflexão à análise das relações existentes entre diversidade e desigualdade. Fernando Henrique Cardoso, um intelectual que ainda domina a cena política, traz sua teorização do nosso processo de dependência e a relação entre centro e periferia.

Enfim, esta coletânea é uma importante leitura para quem quer conhecer melhor o pensamento social brasileiro sem perder seu corte crítico e analítico; e para quem quer compreender como os problemas e estruturas sociais articulam-se à noções complexas e dinâmicas do nosso entendimento enquanto brasileiros. É obvio que ausências são sentidas no livro, mas isso não retira o mérito da composição analítica da coletânea. Essa é uma leitura obrigatória para aqueles que querem conhecer melhor as análises sobre o Brasil e um campo de re-elaborações sobre “o que faz do Brasil, Brasil”. Afinal, é o tempo presente, são as questões de hoje que nos fazem reler o passado e retornar aos autores que compõem nosso patrimônio cultural e intelectual. Fica então o convite para compreender e decifrar o Brasil!

Referências Bibliográficas:

BOTELHO, A. B.; SCHWARCZ, L. M. Esse enigma chamado Brasil: apresentação. In: _____. (Orgs). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 10-17.

RICUPERO, B. Caio Prado Júnior e o lugar do Brasil no mundo. In: BOTELHO, A. B; SCHAWARCZ, L. M. (Orgs). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 226-239.